

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE MEDICINA VETERINÁRIA**

VINÍCIUS SOUZA MENDES

**CONDUTAS *CAT FRIENDLY* EM AMBIENTE HOSPITALAR – DA RECEPÇÃO À
INTERNAÇÃO**

UBERLÂNDIA

2022

VINÍCIUS SOUZA MENDES

**CONDUTAS *CAT FRIENDLY* EM AMBIENTE HOSPITALAR – DA RECEPÇÃO À
INTERNAÇÃO**

Projeto de pesquisa apresentado à Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Sofia Borin Crivellenti

UBERLÂNDIA

2022

VINÍCIUS SOUZA MENDES

**CONDUTAS *CAT FRIENDLY* EM AMBIENTE HOSPITALAR – DA RECEPÇÃO À
INTERNAÇÃO**

Projeto de pesquisa apresentado à Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito à aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso II.

Orientador(a): Prof^a Dr^a Sofia Borin Crivellenti

Uberlândia 10 de agosto de 2022

Prof^a. Dra. Sofia Borin Crivellenti (FAMEV-UFU)

Prof^a. Dr. Leandro Zuccolotto Crivellenti (FAMEV-UFU)

M. V. Charles Silva de Lima

UBERLÂNDIA

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por sempre me manter em pé a cada dia, me dando forças para lutar e alcançar todos os objetivos durante todos os anos da minha vida.

A toda minha família, em especial aos meus pais, Marilene e Beto, por serem meu alicerce, acreditando e confiando em mim e nos meus sonhos, sempre me ajudando a realizá-los.

A todos meus amigos de Araguari e Uberlândia que me acompanharam em toda essa jornada, deixando meus dias mais alegres e leves. Em especial, ao meu amigo e irmão gateiro Lucas Vinícius, que juntos, pudemos conhecer, estudar e entender sobre o espetacular universo da Medicina Felina.

Aos professores que cruzaram o meu caminho, passando todo o conhecimento necessário para a finalização deste grande sonho. Em especial, a minha orientadora querida, Sofia B. Crivellenti, por ser minha inspiração, por despertar em mim o amor e a vontade de aprender mais sobre os gatos, muito obrigado por todos os ensinamentos e suporte, #cff!. Ao professor e amigo Leandro Z. Crivellenti, por ser uma pessoa que me inspiro muito, que me ajudou e confiou em mim, com certeza são momentos que levarei para toda minha vida!

Obrigado à M. V. Suzana, por todas as oportunidades, ensinamentos e conselhos e obrigado por ser uma grande inspiração diária.

Por fim e mais especial, a todos os animais que cruzaram na minha vida, que despertaram em mim a vontade de ser Médico Veterinário, e a todos os animais que ainda irão cruzar, tenham a certeza que, todos os anos de dedicação e estudos foram para ajudar com todo amor vocês!

RESUMO

A compreensão sobre a espécie felina ainda é amplamente negligenciada na clínica médica de pequenos animais, uma vez que vários médicos veterinários ainda os consideram como pequenos cães. A população de felinos vem crescendo consideravelmente no Brasil e no mundo, em contrapartida o atendimento veterinário de gatos não acompanhou essa ascensão e o cão ainda é o paciente primário e considerado o melhor amigo do homem. Vários tutores relatam a dificuldade em colocar o gato na caixa de transporte e também em lidar com o gato, que geralmente experimenta um estresse considerável no ambiente hospitalar. No hospital veterinário, o felino é inibido de expressar seu comportamento natural, gerando medo e ansiedade, o que pode influenciar negativamente na sua saúde e bem-estar. Frente a isso, a criação do programa *Cat Friendly Practices* tem trabalhado na difusão do conhecimento sobre a medicina felina, proporcionando um ambiente hospitalar mais calmo e tranquilo, tornando a visita mais agradável e menos estressante possível, estimulando os tutores a levarem os gatos periodicamente aos veterinários. O objetivo deste estudo é trazer uma revisão dos principais aspectos para a compreensão correta do manejo com a espécie felina, através da confecção de vídeos didáticos, pontuando a importância de se melhorar a abordagem do paciente felino, bem como a participação do tutor e do médico veterinário, por desempenharem papéis essenciais no bem estar do felino.

Palavras-chave: Felino; Comportamento; Estresse; Gato; Ambiente Hospitalar; *Cat Friendly*.

ABSTRACT

The comprehension about the feline species is still widely neglected in the small internal medicine, once many veterinarians still regard them as a small dogs. The feline population has been growing considerably in Brazil and in the world, on the other hand, the veterinary care for cats didn't keep up with the growth, because the dog is still the primary patient and considered man's best friend. Several owners report the difficulty in placing the cat in the transport box and also to deal with the cat, which usually experiences considerable stress when in hospital environment. Under this circumstance, the feline is inhibited from expressing his natural behavior, causing fear and anxiety, which can negatively influence its health and well-being. Because of this, the creation of the program cat-friendly practices has been working to disseminate knowledge about feline medicine, providing a more calm and peaceful hospital environment, making the visit as pleasant and less stressful as possible, encouraging tutors to take their cats to veterinarians periodically. The objective of this study is to bring a review of the main aspects to understand the cat, pointing out the importance of improving the handling and approach to the feline patient, as well the participation of the owner and the veterinarian, since they play essential roles in the feline's well-being.

Key words: Feline; Behavior; Cat; Stress; Hospital Environment; Cat Friendly

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
2.1 História do gato	11
2.1.2 Domesticação	11
2.2 Comportamento felino	12
2.2.1 Organização social	13
2.2.2 Socialização	13
2.3 Comunicação dos felinos	14
2.3.1 Comunicação visual e postura corporal	14
2.3.2 Expressões corporais	15
2.3.3 Expressões faciais	15
2.3.4 Comunicação auditiva	16
2.3.5 Comunicação olfativa	16
2.3.6 Vocalização	18
2.3.7 Comunicação tátil	19
2.4 Reconhecendo o medo e a ansiedade	20
2.5 Manejo Cat Friendly	21
2.6 Levando o gato ao hospital veterinário	21
2.6.1 Caixa de transporte	22
2.6.2 Transportando o gato	24
2.6.3 Recepção ideal	25
2.6.4 Consultório	26
2.7 Hospitalização	32
2.7.1 Gaiolas	33
2.7.2 Alimentação na internação	34
2.8 Volta para a casa	35
3 METODOLOGIA	37
3.1 Local	37
3.2 Animais	37

3.3 Materiais	37
3.4 Edição	37
4 RESULTADOS	38
5 CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	40

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- FIGURA 1:** Lugar que o felino mais gosta de ficar em casa, com a caixa de transporte servindo como um esconderijo e alguns brinquedos preferidos. **Fonte:** o autor (2022). **18**
- FIGURA 2:** Transportador ideal com a abertura lateral e frontal, que permite a exposição fácil e sem estresse do felino. **Fonte:** o autor (2022). **19**
- FIGURA 3:** Transportador coberto por uma coberta e preso ao cinto de segurança, fornecendo maior segurança ao felino. **Fonte:** o autor (2022). **20**
- FIGURA 4:** Recepção exclusiva para felinos, com quadros ilustrativos de gatos na parede, transportadores elevados e divisórias bloqueando o contato entre os animais. **Fonte:** o autor (2022). **22**
- FIGURA 5:** Mesa auxiliar com todos os equipamentos necessários para a consulta. Médico veterinário aspergindo algumas borrifadas de feromônio facial sintético felino 20 minutos antes da consulta. **Fonte:** o autor (2022). **23**
- FIGURA 6:** Caixa de transporte com a abertura ideal, para que o gato consiga sair por conta própria e comece a explorar o ambiente. **Fonte:** o autor (2022). **24**
- FIGURA 7:** Paciente felino super a vontade sendo avaliado em cima da mesa do médico veterinário. **Fonte:** o autor (2022). **25**
- FIGURA 8:** Método do "burrito" para conter o paciente durante a consulta, garantindo segurança e conforto ao animal. **Fonte:** o autor (2022). **26**
- FIGURA 9:** Felino recém chegado recém-chegado de uma consulta, mantido dentro da caixa de transporte e comunicando com o outro felino apenas pelo olfato. **Fonte:** o autor (2022). **31**

1 INTRODUÇÃO

A população de gatos domésticos vem aumentando consideravelmente na maioria dos países, muitas vezes superando o número de cães domésticos (RODAN et al., 2011). O gato é o animal doméstico de maior popularidade nos EUA, Canadá e norte da Europa. São animais brincalhões, afetuosos, curiosos e cerca de 78% dos tutores já os consideram membros familiares (RODAN, 2016). Há vários benefícios psicológicos em se morar com gatos, os quais incluem boa companhia, menores chances de desenvolvimento de depressão e solidão, e também benefícios na saúde como a redução da pressão arterial (BERNSTEIN, 2005).

Contraditoriamente, os gatos ainda recebem menos cuidados veterinários comparados aos cães (RODAN, 2016), devido à falta de compreensão dos tutores sobre as inúmeras particularidades fisiológicas e comportamentais dos felinos, muitas vezes podendo culminar com o insucesso da consulta veterinária (BEAVER, 2003). Ademais, vale ressaltar, que muitos comportamentos normais dos gatos são considerados por alguns tutores como inaceitáveis, podendo ocasionar estresse, punição inadequada, abandono e até mesmo eutanásia (AAFP, 2004)

Clientes relatam grandes dificuldades em colocar o gato no transportador e demonstram constrangimento em relação ao comportamento do gato no âmbito hospitalar, servindo como razão para realizarem menos visitas (RODAN, 2012; VOGT et al., 2010). Vários níveis de estresse no gato podem engendrar na elevação dos seus parâmetros fisiológicos (QUIMBY; SMITH; LUNN, 2011), e experiências traumáticas influenciam negativamente na saúde do animal, em seu comportamento e bem-estar (BUFFINGTON; BAIN, 2020; HORWITZ; RODAN, 2018).

Faz-se necessário, portanto, a educação e preparação do cliente e da equipe veterinária, para a realização de um manejo respeitoso aos felinos (RODAN et al., 2011), permitindo experiências positivas durante as visitas ao veterinário, contribuindo para a diminuição do estresse e possíveis agressões. Felizmente, estudos mais recentes nos ajudam a entender a natureza do gato e a identificar as melhores técnicas de manuseio para substituir os métodos tradicionais e ultrapassados de contenção (AAFP, 2004).

A *American Association of Feline Practitioners* (AAFP), juntamente com a *International Society of Feline Medicine* (ISFM) desenvolveram o programa *Cat Friendly Clinic/Cat Friendly Practice*, com a proposta de compreender as necessidades comportamentais individuais dos gatos, bem como a forma mais gentil, empática e cuidadosa de abordagem. Além disso, abrange o desenvolvimento de um ambiente mais amigável, que proporciona o conforto do paciente felino e também de seu tutor, através de uma equipe treinada que traga segurança e bem-estar ao animal.

Ainda mais, são produzidos diversos esquemas e diretrizes para tutores a serem seguidos, projetando a maneira ideal de transportar o gato até a clínica veterinária, como deve ser o manejo no ambiente hospitalar e a volta para a casa, e até mesmo vídeos didáticos de como manusear o gato da forma correta (CAT FRIENDLY HOMES, 2020). Entretanto, a maior parte desse conteúdo *cat friendly* encontra-se disponível apenas na língua inglesa, o que dificulta, ou muitas vezes, limita o acesso dessas informações tanto para os tutores quanto para médicos veterinários.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 História do gato

O *felis silvestris catus* (gato doméstico) pertence à família dos felídeos e possui um ancestral comum, o *felis lybica* (gato-selvagem-africano ou pequeno-gato-do-mato-africano), existente há mais de 45 milhões de anos (RODAN, 2016) e, é por meio dele, que o entendimento sobre o comportamento felino é aceito (BRADSHAW, 2018; RODAN, 2016).

Há indícios da aproximação do gato com o homem há cerca de 10.000 anos, na região conhecida como Crescente Fértil do Oriente Médio (ATKINSON, 2018), e essa relação teve início com o surgimento da agricultura. Era necessário naquela época, estocar safras de cereais e outros alimentos produzidos, para o fornecimento de comida ao longo do ano. Mas como consequência, pequenos roedores eram atraídos por esses alimentos armazenados, sendo uma rica reserva de alimentação aos felinos, que invadiam as fazendas para capturá-los (ATKINSON, 2018; RODAN, 2016).

2.1.2 Domesticação

Foi no Egito antigo, há cerca de 5.000 anos, que registros como gravuras e pinturas representavam o início da domesticação (RODAN, 2016). Nessa época, popularizou-se a crença de que o gato poderia enxergar dentro da alma, sendo considerados deuses, animais valiosos legalmente protegidos, o que contribuiu para que a sua população aumentasse e se disseminasse para outros países (BEAVER, 2003).

A boa reputação que os gatos tinham na Europa começou a decair no fim da idade média, quando líderes católicos daquela época associavam a figura do gato à bruxaria. Entre os anos de 1400 e 1800, não apenas uma grande quantidade de gatos foi exterminada, mas o mesmo destino seguia para quem os defendiam e demonstravam compaixão por eles, pois também eram considerados bruxos (BEAVER, 2013; RODAN, 2016).

Em meados do século 19, Luís Pasteur considerou o gato o mais limpo dos animais (RODAN, 2016), então a população de gatos começou a se espalhar na Europa Ocidental e nos Estados Unidos, elevando a apreciação sobre eles desde então (BRADSHAW, 2018).

Vale destacar que a domesticação é um processo que requer várias gerações de seleção reprodutiva, com a finalidade de produzir mudanças fisiológicas. Tal fato pode ser observado nas raposas, que traçaram 20 gerações de seleção até sua domesticação. Da parte dos gatos, o processo de domesticação adveio apenas de uma geração, diretamente do *Felis catus* (BEAVER, 2003).

Os gatos acompanharam o processo crescente de urbanização das populações humanas (CROWELL-DAVIS, 2005). Há o questionamento que os gatos sofreram uma “autodomesticação”, ou seja, que os humanos exerceram pouca ou nenhuma influência nas mudanças da espécie, apenas permitiram que os gatos se aproximassem por questões de sobrevivência e sucesso reprodutivo. Segundo Beaver (2003), até hoje considera-se que o gato não tenha sido domesticado já que ele apresenta a capacidade de reaver seu comportamento ancestral total em algumas situações (BEAVER, 2003).

2.2 Comportamento felino

Apesar dos crescentes avanços na Medicina Felina, o nível geral de conhecimentos sobre o comportamento felino é limitado e pouco difundido em comparação ao comportamento dos cães domésticos (ATKINSON, 2018). Comportamentos naturais dos felinos são facilmente confundidos com comportamentos anormais, podendo gerar o desenvolvimento de estresse felino e a diminuição da qualidade de vida, sendo a causa mais comum de eutanásias em gatos domésticos (AAFP, 2004). Melhorar o conhecimento sobre o comportamento inato permite um avanço na compreensão do estado emocional do felino, garantindo qualidade de vida (PEREIRA et al., 2014).

O felino é um carnívoro solitário e diferentemente do cão, o qual consegue mudar a alimentação para vegetais quando a carne é escassa, os felinos necessitam de um suprimento constante de proteínas a base de carne animal para seu metabolismo, devido a um conjunto de mutações de seus ancestrais que limitaram a capacidade de processar plantas e alimentos derivados (BRADSHAW, 2018). Frente a isso, os felinos possuem o comportamento inerente de caça, estratégia necessária para a sobrevivência, pois precisam se manter ativos, a fim de serem predadores eficazes (BRADSHAW et al., 1996). A caça também faz parte da brincadeira

do felino, sendo facilmente possível distraí-los com algum brinquedo interativo (RODAN et al., 2011; ATKINSON, 2018).

Gatos que residem juntos podem apresentar comportamentos afiliativos e sinais de vínculo social, que incluem procurar a companhia entre si, toque entre focinhos com a cauda levantada verticalmente e esfregarem-se uns nos outros (*alobburig*), mantendo o chamado “odor da colônia” (RODAN et al., 2011; CROWELL-DAVIS; CURTIS; KNOWLES, 2004). Mesmo estabelecido esses laços afetuosos, o bom relacionamento nem sempre é duradouro, principalmente quando expostos a alguns fatores estressores sociais e/ou físicos, como mudanças no ambiente, redução de recursos alimentares, introdução de novos membros (felinos ou não), resultando em competição e conflito entre os gatos (AMAT; CAMPS; MANTECA, 2016).

2.2.1 Organização social

Ao contrário do equívoco popular que perdurou nas últimas duas décadas de que são criaturas solitárias, os gatos domésticos são animais sociáveis, porém com a organização social que difere dos cães e seres humanos (AAFP, 2004). A organização social dos gatos domésticos é muito semelhante à dos seus ancestrais, e acontece de uma forma muito flexível, permitindo que os gatos escolham viver sozinhos ou em grupos sociais, denominados colônias (RODAN, 2016).

As colônias são isoladas e os gatos diferem de membros estranhos à sua colônia (CROWELL-DAVIS, 2005). A colônia é matriarcal, sustentada pelas relações afiliativas e cooperativas entre as fêmeas que estruturam o núcleo social (CROWELL-DAVIS; CURTIS; KNOWLES, 2004). Um visitante pode até ser aceito em uma nova colônia, mas requer várias semanas até a sua integração ao grupo, principalmente se for um gato adulto. É importante pensar nesse fato ao adotar novos gatos, levando em consideração que essa prática deve ser um processo gradativo, respeitando o comportamento e a interação natural dos felinos (AAFP, 2004).

2.2.2 Socialização

O período de socialização é extremamente importante no desenvolvimento do felino. É um processo que permite mudanças de comportamento conforme a exposição do filhote perante várias situações, envolvendo humanos, animais e o ambiente (AAFP, 2004). Esse período pode variar de 2 a 9 semanas, mais precocemente do que na espécie canina, que pode perdurar até as 16 semanas de vida (RODAN, 2016).

O manuseio de socialização abre uma janela de interação positiva contínua com os humanos e os animais, e a forma de interação entre eles (LOWE; BRADSHAW, 2002). Além disso, acelera o desenvolvimento físico, do sistema nervoso central e também auxilia na redução ou inibição do medo no felino (LEY e LANDSBERG, 2016).

Segundo Bradshaw (2018), gatos que não são apresentados a nenhum humano ou outros animais nesse período de sensibilização, são mais propensos a desenvolverem problemas comportamentais, como agressividade e medo coespecífico direcionado ao humano e a outros animais.

2.3 Comunicação dos felinos

Por ser um animal mamífero, facilmente os tutores presumem que a percepção do gato é semelhante ao do ser humano (BRADSHAW, 2018). Se mais tutores compreendessem a comunicação e a percepção do gato, muitos problemas comportamentais poderiam ser reduzidos, tais como a prevenção de brigas (RODAN, 2016).

O gato se comunica por meios visuais, olfativos, auditivos e táteis. Pelo fato de serem caçadores solitários, precisam manter a saúde e o bem-estar físico (RODAN, 2012). A comunicação pode evitar o surgimento de lesões e ameaças ao felino, e quando ocorrem falhas de comunicação, eles partem para a luta como último recurso de sobrevivência (CASEY; BRADSHAW, 2005). Assim, entender os sinais de comunicação que o gato esteja emitindo, pode ajudar a evitar atitudes agressivas em um ambiente hospitalar (RODAN, 2016).

2.3.1 Comunicação visual e postura corporal

Os gatos possuem pupilas e olhos grandes comparados aos seres humanos, responsáveis por fornecer uma boa imagem em um ambiente que possui pouca quantidade de luz. Tapetes reflexivos localizados atrás da retina potencializam ainda mais a sua eficácia visual (BRADSHAW, 2018). Faz parte da comunicação visual no universo felino, posturas corporais e expressões faciais e formatos pupilares exibidas pelos gatos em diversas situações (RODAN, 2016).

2.3.2 Expressões corporais

Os gatos apresentam variações de postura de acordo com expressões corporais e posições de cauda para a comunicação com outros gatos. Saber reconhecer esse tipo de comunicação permite compreender a zona de fuga do animal e impedir que medo evolua para a agressividade, evitando batalhas e conflitos diretos entre eles (BEAVER, 2004).

Quando o gato começa a abaixar a cabeça e o dorso, aproximar os pés do corpo diminuindo sua área corporal passando a impressão de ser menor indica que está amedrontado (RODAN et al., 2011). Tal comportamento pode evoluir para a agressividade se ele se sentir encurralado e não houver uma via de fuga (BEAVER, 2004). Em casos de encontros antagônicos de dois gatos, parece vantajoso passar a imagem de confiança e sem medo, por essa razão, o gato apresenta o levantamento e arqueamento do corpo. Os pelos do corpo e da cauda permanecem arrepiados (pilo-ereção), trazendo a sensação que ele é maior (ATKINSON, 2018).

A cauda na posição vertical ou dobrada transmite calma e tranquilidade, quando reta para baixo indica postura agressiva e quanto para baixo e mantida próximo ao corpo, indica uma situação defensiva (ATKINSON, 2018). Em situações de agitação, excitação, incômodo e durante conflitos, o gato começa a movimentar exacerbadamente a cauda de um lado para o outro e, esse comportamento quando ignorado, pode acarretar em agressão (RODAN, 2016).

2.3.3 Expressões faciais

Os sinais faciais respondem mais rapidamente a qualquer alteração comportamental, seja ela de medo ou agressividade. Orelhas eretas indicam estado de alerta, concentrado em

algum estímulo e calmo, lateralizadas e viradas para baixo indica um gato mais defensivo e com medo e lateralizadas para trás em direção à cabeça, tornando visível a lateral interna das aurículas, indica um gato mais agressivo (MOFFAT, 2008; RODAN, 2016).

As pupilas no formato de fenda indicam o estado normal do felino, situações de medo e resposta de luta ou fuga, elas se encontram dilatadas (midríase), e quando oblongas sinalizam agressividade (RODAN, 2012). Segundo Rodan (2016), o felino exibe piscadas longas quando se sente relaxado e calmo, portanto, mimetizar essa ação ao redor do gato, pode proporcionar essa sensação de conforto e tranquilidade.

2.3.4 Comunicação auditiva

O gato possui uma audição muito sensível, cerca de 4 vezes mais aguda que a do ser humano (RODAN, 2016), sendo um dos principais sentidos para a detecção de suas presas (ATKINSON, 2018). Possuem aurículas grandes e móveis, cuja finalidade é a coleta afunilada dos sons para dentro do canal auditivo (LEY e SEKSEL, 2016), o que possibilita a detecção de amplas variedades de frequências, como frequências ultrassônicas, que são classificadas por possuírem frequência maior que 20 kHz (YEON; AHMED; HOUP, 2020).

A faixa de variação no felino estende-se de 48 Hz a 85 kHz, embora seja geralmente aceito como limite superior, a manutenção da intensidade benéfica para os gatos em torno de 60 kHz, equivalente ao nível de conversação tranquila (ATKINSON, 2018). Devido a essa audição aguçada, vários fatores em um ambiente hospitalar são capazes de desencadear estresse nos gatos, como toques de telefones, vozes humanas, ruídos de equipamentos, latidos, rosnados entre outros (RODAN 2016).

2.3.5 Comunicação olfativa

Os gatos possuem epitélio olfatório que cobre uma área de aproximadamente 20-40 cm, contendo cerca de 200 milhões de receptores (ATKINSON, 2018), tornando seu olfato cerca de mil vezes mais sensível do que o do ser humano (BRADSHAW, 2018).

Como a maioria dos mamíferos, com exceção dos seres humanos, os gatos usam o odor para se comunicarem uns com os outros, por um mecanismo olfativo, o órgão vomeronasal (órgão de Jacobson). Trata-se de um sistema tubular fino formado por um par de tubos cegos (FRASER, 2012), localizado no céu da boca, por trás dos incisivos, entre o palato duro e a narina (RODAN, 2016). Fornece ao animal a capacidade de detecção e identificação de feromônios que são usados na comunicação intra-espécie (ATKINSON, 2018).

A resposta *flehmen* que em alemão significa “expor os dentes” (ATKINSON, 2018), acontece de forma voluntária neste tipo de comunicação. O felino manifesta expressão facial semelhante a uma careta, caracterizada por cabeça elevada e puxada para trás, boca ligeiramente aberta com a língua se movimentando ao longo do céu da boca e lábios superiores levantados (CASE, 2010). O uso desses odores possibilita a comunicação por distância, como por exemplo, em situações de marcação territorial, com o objetivo de proteger seu espaço sinalizando aos outros gatos (RODAN, 2016).

Feromônios são substâncias químicas, que possuem uma função comunicativa entre os indivíduos da mesma espécie, e são usados em situações em que é vantajosa a troca de mensagens específicas entre um emissor e o receptor, por meio do sistema olfativo (FRASER, 2012). Cinco frações de feromônio felino (F1-F5) foram isoladas nos gatos (PEREIRA et al., 2016).

Os felinos possuem glândulas sebáceas na região ao redor do queixo e lábios, bem como na orelha, têmporas e bochechas (CROWELL-DAVIS; CURTIS; KNOWLES, 2004). Depositam a fração F3 do feromônio facial felino, roçando a face em humanos ou em outros gatos, associada à marcação facial de áreas familiares e seguras (PEREIRA et al., 2016). Além disso, podem se esfregar em objetos inanimados pelo comportamento conhecido como “*bunting*”, depositando a fração F4 do feromônio facial felino (ATKINSON, 2018).

Há também glândulas na região interdigital, cujo cheiro é depositado quando o gato se coça ou arranha superfícies (CROWELL-DAVIS, 2005). Outros agrupamentos de estruturas produtoras de odores podem ser encontrados nas extremidades posteriores, incluindo as glândulas prepuciais, anais, supracaudais e ao longo da cauda, com a finalidade de dispersar odores através da micção e defecação (ATKINSON, 2018).

A marcação na urina ou pulverização é um comportamento considerado comum nos felinos. Eles depositam a urina na posição de cócora ou em pé (HORWITZ, 2019). Ao pulverizar em pé, os gatos adotam uma posição peculiar, mantendo a cauda vertical e trêmula, lançando um jato de urina em superfícies verticais (ATKINSON, 2018). Alguns gatos borrifam por se sentirem ansiosos, com medo e/ou estressados e não por serem travessos, como muitos tutores pensam (LEY; SEKSEL, 2016).

Em hospitais veterinários, podemos encontrar uma variação ampla de odores, seja o cheiro de outros gatos, cães e dos humanos, e isso pode assustar e agitar o paciente felino. Produtos de limpeza, álcool e perfumes são odores aversivos que atuam como uma fonte de estresse para animais confinados em um ambiente hospitalar (RODAN, 2016).

2.3.6 Vocalização

O som produzido pelos gatos tem sido estudado há muitos anos, e o repertório vocal do gato pode apresentar até 21 vocalizações diferentes (YEON; AHMED; HOUP, 2020). Esses sons podem ser separados em três categorias: sons feitos com a boca fechada; produzidos quando o gato abre e fecha a boca; produzidos com a boca aberta (LEY e SEKSEL, 2016).

O som produzido com a boca fechada é o miado de trinado/estridulação/cumprimento, realizado durante a interação do felino com o humano ou outro gato que ele tem afeição. Além disso, é produzido o ronronar durante as fases de inspiração e expiração da respiração (YEON; AHMED; HOUP, 2020), caracterizado por um som monótono, e pelo que parece, é uma comunicação gato a gato ou gato com o ser humano (LEY e SEKSEL, 2016). É produzido em diversas situações, incluindo quando o gato parece estar bastante relaxado em uma saudação amigável (CROWELL-DAVIS; CURTIS; KNOWLES, 2004), quando solicita comida e atenção, mas também quando sentem dores extremas e estão estressados (ATKINSON, 2018).

O som produzido quando a boca abre e fecha é o miado, que pode variar de miado longo, chamado da fêmea e o chamado do macho, também conhecido como miar alto estridentemente. (LEY e SEKSEL, 2016). O miado é a vocalização mais comum do gato doméstico dirigida aos humanos. Gatos selvagens raramente miam, portanto, é considerado um produto evolutivo da domesticação e socialização dos gatos domésticos com a civilização

humana. É uma combinação e seleção de sons, que podem variar entre os gatos e as mais diversas raças (ATKINSON, 2018).

Sons produzidos com a boca aberta se referem a sons de agressão, uivo, rosnado, rugido, de cuspir e gritar (CROWELL-DAVIS; CURTIS; KNOWLES, 2004). Gatos que rugem, uivam e rosnam apresentam motivação agressiva, quando estão querendo acuar, ameaçar e atacar o oponente (YEON; AHMED; HOUP, 2020). Já o sibilo e o som de cuspir, são usados na agressividade defensiva, quando os gatos se sentem ameaçados ou são atacados (LEY e SEKSEL, 2016).

2.3.7 Comunicação tátil

O tato é uma maneira de construir laços sociais dentro das colônias dos felinos. Os gatos possuem vibrissas faciais, mais conhecidas como bigodes (FRASER, 2012). Essas vibrissas estão situadas em grandes folículos e uma glândula sebácea aderida. Possuem terminações nervosas altamente sensíveis à pressão e movimentação, estruturada por musculatura estriada, que permitem a sua movimentação voluntariamente (LEY e SEKSEL, 2016). São organizadas em duas fileiras, superiores e inferiores que se movem de forma independente (BEAVER, 2003).

Os gatos dobram as vibrissas para trás quando estão com medo ou relaxados, voltam-nas para frente quando estão caçando ou agressivos e abrem-nas ao caminhar ou quando se interessam em algo (FRASER, 2012; LEY;SEKSEL, 2016). É um importante órgão sensorial, visto que o gato não consegue enxergar objetos muito próximos e utilizam as vibrissas como forma de localizar as presas, alimento, água e objetos próximos a sua face, através das ondas/vibração do deslocamento do ar (LEY e SEKSEL, 2016).

Os gatos podem interagir com outros gatos pelo toque dos focinhos, pelo esfregar mútuo das cabeças, bochechas e flancos (*allorubbing*), visto em indivíduos que convivem socialmente, quase sempre com a abordagem da cauda levantada pelo iniciador, indicando comportamento afiliativo (ATKINSON, 2018; RODAN, 2016). Atkinson (2018) traz explicações para o *allorubbing*, no qual os gatos se esfregam uns nos outros para manterem o “odor de colônia” (apud BRADSHAW *et al.*, 2012), e também como uma extensão do

comportamento de solicitar comida dos gatinhos a sua mãe, referenciando o comportamento dos gatos que se esfregam sem seus tutores durante a alimentação.

Outra forma de interação é através de alocaudados de limpeza (*allogrooming*), cuja função varia desde a manutenção da limpeza corporal, vista na maioria das vezes por uma mãe gata e seus gatinhos, mas também em animais que convivem bem socialmente (ATKINSON, 2018).

2.4 Reconhecendo o medo e a ansiedade

Medo e ansiedade são sensações negativas, que podem influenciar negativamente sobre a saúde e bem-estar dos felinos, bem como na interação homem-animal (DE RIVERA et al., 2017).

O medo é um estado de alarme ou agitação emocional, em que o animal evita algumas situações potencialmente perigosas para se proteger (DE RIVERA et al., 2017), sendo a causa mais comum de agressão e mau comportamento nos gatos, principalmente em ambientes hospitalares (AMAT; CAMPS; MANTECA, 2016; RODAN, 2010). A ansiedade, ao contrário, é a antecipação emocional de um evento desconhecido, imaginário ou real, envolvendo experiências negativas (LLOYD, 2017). O felino que tenha passado por um processo doloroso no hospital veterinário, provavelmente na próxima consulta desenvolverá a ansiedade por prever a dor (RODAN, 2016).

Os gatos desenvolvem respostas sensíveis em relação ao ambiente, e sinais típicos de medo e ansiedade incluem respostas de autoproteção (DE RIVERA et al., 2017). Um animal com medo pode responder com luta ou fuga ou até congelamento. Entretanto, a não manifestação desses sinais pode culminar na agressão, representada por mordidas e arranhões (CARNEY et al., 2012). Os gatos são animais metódicos, gostam do controle da situação para se sentirem confortáveis (RODAN, 2016), por isso qualquer mudança de ambiente pode levá-los ao estresse e ao desenvolvimento de medo e ansiedade (CARNEY et al., 2012).

Algumas causas de medo em ambiente hospitalar incluem contenções forçadas, ruídos altos, odores aversivos e movimentação rápida. Assim, é imprescindível que todos os

integrantes da equipe veterinária saibam reconhecer o papel que o medo e a ansiedade desempenham no comportamento inadequado dos felinos (RODAN, 2016).

2.5 Manejo *Cat Friendly*

Na situação atual é comum que programas instrucionais das faculdades concentrem a atenção maior aos cães como paciente primário e o principal companheiro do ser humano (RODAN, 2016). A maioria das clínicas veterinárias de pequenos animais ainda atendem mais tutores de cães do que de gatos. Porém, devemos entender que as necessidades dos gatos são totalmente diferentes das necessidades dos cães nas clínicas veterinárias (SPARKES; MANLEY, 2012).

A criação do programa *cat friendly practices* encoraja médicos veterinários a desenvolverem um ambiente preparado para receber e atender os felinos da maneira correta. Os guias desenvolvidos auxiliam tanto profissionais a seguirem o modelo, que traz segurança e bem estar aos felinos no ambiente hospitalar, e também tutores, informando-os de como lidar com o seu animal em casa e como levá-lo à clínica veterinária. Locais que obtêm êxito na aplicação das diretrizes *cat friendly*, recebem o selo “AAFP/ISFM *Cat Friendly*” (CANNON, et al., 2016).

2.6 Levando o gato ao hospital veterinário

Frequentemente, exames semestrais são recomendados em todos os estágios de vida do felino. Isso permite a identificação de doenças precocemente, pelo fato do gato muitas vezes não manifestar quaisquer sinais clínicos que alertem seus tutores de que algo está acontecendo (VOGT et al., 2010).

Educar os clientes antes mesmo de o gato ir à clínica veterinária, pode ajudar reduzir as dificuldades geralmente enfrentadas por muitos ao levá-los às clínicas e hospitais veterinários. Ensinar o tutor a realizar manobras de contenção doméstica, como aparar as unhas, limpar as orelhas e escovar os dentes, é importante para que o gato se sinta mais confortável ao ser manuseado no ambiente hospitalar (RODAN, 2010), inclusive sobre como colocar o gato nas caixas de transporte (RODAN, 2016).

2.6.1 Caixa de transporte

A caixa de transporte é extremamente importante quando o assunto é a locomoção dos felinos até o hospital veterinário. É a maneira mais segura e confortável de transportá-lo, por ser um recipiente fechado, não há o risco de o gato fugir ou se perder no caminho (RODAN et al., 2011). Para muitos proprietários, o momento de colocar o gato no transportador é bastante estressante, por isso o proprietário deve ser orientado por um membro da equipe veterinária de como proceder para a retirada do gato de sua casa e colocá-lo em um transportador, de forma amigável e sem estresse (RODAN, 2016)

O proprietário pode transformar a caixa de transporte em um refúgio para o felino. É importante introduzir a caixa de transporte de maneira gradativa na rotina do felino, o ideal é apresentar a caixa de transporte desde filhote, no período de sociabilização, para que ele se habitue mais facilmente (RODAN, 2016) e não associe a caixa de transporte à situações desagradáveis.

É indicado manter a caixa de transporte sempre no lugar que o gato mais gosta de ficar, para que o animal possa usá-la como descanso e esconderijo (Figura 1) (VOGT et al., 2010). Sempre que possível, colocar brinquedos favoritos do gato ou objetos familiares, bem como pentes, escovas e cobertas com o cheiro de seu tutor dentro da caixa de transporte.

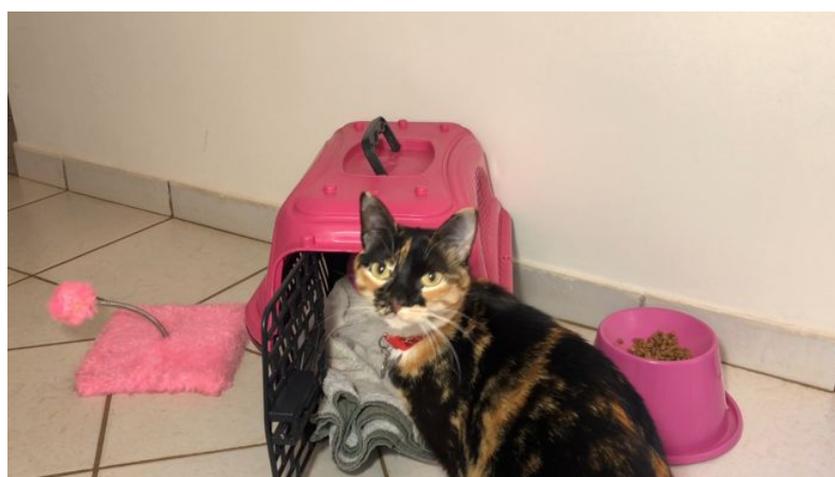


Figura 1: Lugar que o felino mais gosta de ficar em casa, com a caixa de transporte servindo como um esconderijo e alguns brinquedos preferidos. **Fonte:** o autor (2022).

Fornecer guloseimas e alimentos que o gato gosta atua como reforçadores positivos (VITALE SHREVE; MEHRKAM; UDELL, 2017), incentivando-o a entrar no transportador por conta própria e tornar a viagem mais agradável (RODAN, 2010; RODAN; FOLGER, 2010). Pode ser útil aspergir um produto a base de feromônio felino facial sintético, cerca de 20-30 minutos antes da viagem, a fim de ajudá-lo a se ambientar e se acalmar (PEREIRA et al., 2016).

Há vários modelos de caixas de transporte no mercado, mas a caixa de transporte ideal deve fornecer espaço suficiente para que o gato consiga se levantar, abaixar e se virar com facilidade (RODAN et al., 2011). Além disso, que possua abertura dupla (dorsal e frontal), pois dessa forma o animal pode ser examinado na própria caixinha se ele preferir (Figura 2). Quando o gato aprende a usar o transportador e associa-o como um lugar seguro, todo o medo associado ao transporte e a ida ao hospital/clínica veterinária é reduzido, chegando até ser eliminado em alguns casos (RODAN, 2016).



Figura 2: Transportador ideal com a abertura lateral e frontal, que permite a exposição fácil e sem estresse do felino. **Fonte:** o autor (2022).

2.6.2 Transportando o gato

Após o felino se interessar em entrar no transportador por conta própria, é importante praticar viagens curtas e rápidas com o gato para ele se acostumar, principalmente em locais que ele possa ser recompensado (RODAN, 2016). De preferência, o transportador deve ser coberto com uma toalha, cujo objetivo é o bloqueio de estímulos visuais e auditivos (RODAN et al., 2011), diminuindo o estresse e a cinetose durante o caminho e o gato deve permanecer todo tempo dentro do transportador. O cinto de segurança deve ser colocado sobre a caixa de transporte, para garantir segurança ao felino em situações eventuais acidentes (Figura 3).

É recomendado deixar o gato de jejum alimentar por algumas horas antes de uma viagem de carro (não ultrapassando 6 horas de jejum alimentar no total), tanto para evitar a cinetose e aumentar o interesse do gato aos petiscos (RODAN; FOLGER, 2010), quanto também por ser útil caso seja necessário realizar coleta de amostras sanguíneas (VOGT et al., 2010).

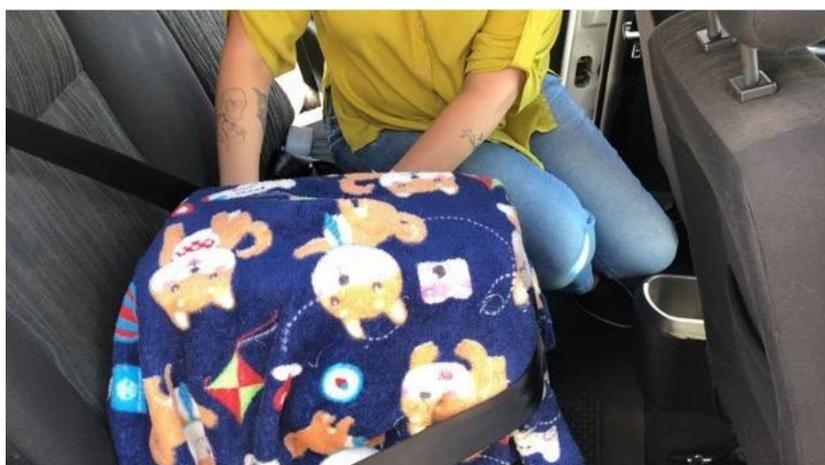


Figura 3: Transportador coberto por uma coberta e preso ao cinto de segurança, fornecendo maior segurança ao felino. Atentar para a necessidade de colocação de cinto de segurança ao redor da caixa de transporte. **Fonte:** o autor (2022).

A prática de levar os filhotes ao veterinário deve ser instituída, mesmo que não estejam doentes, seja para pesar ou até colocá-los na sala de exames, sendo cumprimentados pelo médico veterinário (MOFFAT, 2008). Este hábito aumenta a socialização do felino, reduzindo o risco de desenvolverem medo e estresse em um ambiente hospitalar (RODAN, 2016). Uma vez que o gato é treinado, torna-se mais fácil manuseá-lo e transportá-lo, beneficiando tanto o paciente felino quanto a equipe responsável por investirem um tempo nesse processo de adaptação (GRUEN et al., 2013).

2.6.3 Recepção ideal

A área de recepção é o primeiro local que o proprietário e o felino podem interagir ao chegar ao hospital veterinário/clínica veterinária. Criar um ambiente *cat friendly* mais calmo, silencioso e não ameaçador, traz benefícios mútuos, tanto para o gato e também para o proprietário (ENDERSBY, 2018). O tutor pode identificar o quanto são bem-vindos através da decoração, como símbolos e estátuas de gatos, criando um ambiente confortável e acolhedor (BRUNT, 2016; NORSWORTHY;SCHMELTZER, 2012). Decorações cujo foco é a valorização da figura felina exibindo comportamentos positivos, contribui para que os tutores tenham uma boa impressão e presumam que aquele ambiente está apto a receber o seu gato (BRUNT, 2012).

O gato normalmente se sente mais ansioso e vulnerável no ambiente hospitalar, por aquele espaço não ser seu ambiente habitual. Esses sentimentos são potencializados se o gato for colocado ao lado de outro gato ou animais de outras espécies, especialmente caninos (ENDERSBY, 2018). Fornecer uma instalação exclusivamente separada para felinos ajudará prevenindo o contato visual e auditivo do gato com outros animais, tornando a espera menos intimidadora e estressante (BRUNT, 2012). Para isso, as duas áreas podem ser separadas com barreiras visuais temporárias ou permanentes (LLOYD, 2017) por meio de painéis, estantes, plantas e/ou algumas divisórias sob medida (CARNEY et al., 2012).

Pelo comportamento atávico, o gato se sente mais distenso acima do nível do solo, onde possa descansar e observar com segurança. O uso de superfícies elevadas para colocar a transportadora, diminui a sua vulnerabilidade e também o mantém longe do contato dos outros animais (ENDERSBY, 2018). Para isso, é útil estar disponível na sala de espera mesas,

prateleiras, cadeiras e balcões com a finalidade de manter a transportadora para gatos longe do chão e de preferência ao lado do proprietário (Figura 4). Sempre esclarecer para o proprietário o porquê do uso desses locais (CARNEY et al., 2012).



Figura 4: Exemplo de recepção exclusiva para felinos, com quadros ilustrativos de gatos na parede, transportadores elevados e divisórias bloqueando/reduzindo o contato entre os animais. **Fonte:** o autor (2022).

Uma toalha revestindo a caixa transportadora do gato a transforma em um bom esconderijo improvisado ao animal, deixando o ambiente mais tranquilo e menos estressante (RODAN, 2016). É útil também o uso de feromônios sintéticos difusores no ambiente com a finalidade de tranquilizar e acalmar os felinos (CARNEY et al., 2012).

Horários de atendimento para os gatos devem ser agendados, de preferência durante os períodos mais calmos do dia (BRUNT, 2016) e por mais calma que seja a área de recepção, o felino deve ser direcionado imediatamente ao consultório (VOGT et al., 2010; RODAN; FOLGER, 2010). Se o espaço não permitir a separação de cães e gatos, sugere-se o agendamento de horários alternados entre as espécies, a fim de minimizar a probabilidade de encontro entre eles (CARNEY et al., 2012).

2.6.4 Consultório

O consultório veterinário deve ser configurado e pensado no paciente felino e de preferência, que seja exclusivo para eles (RODAN, 2016). O ambiente precisa ser o mais

convidativo possível, com cadeiras confortáveis para clientes, mesa de exame forrada com tapetes antiderrapantes, cobertas e panos, a fim de proporcionar um ambiente mais confortável e aquecido ao felino (LLOYD, 2017). Deixar preparado todo o material na sala de exame, evita o tráfego desnecessário de pessoas entrando e saindo do consultório, evitando que o gato se assuste com essa movimentação (Figura 5) (CARNEY et al., 2012; GRIFFIN et al., 2020). Segundo Griffin et al. (2020), a inclusão do tutor durante a realização do exame físico é satisfatória na redução dos sinais mais evidentes de estresse no felino.

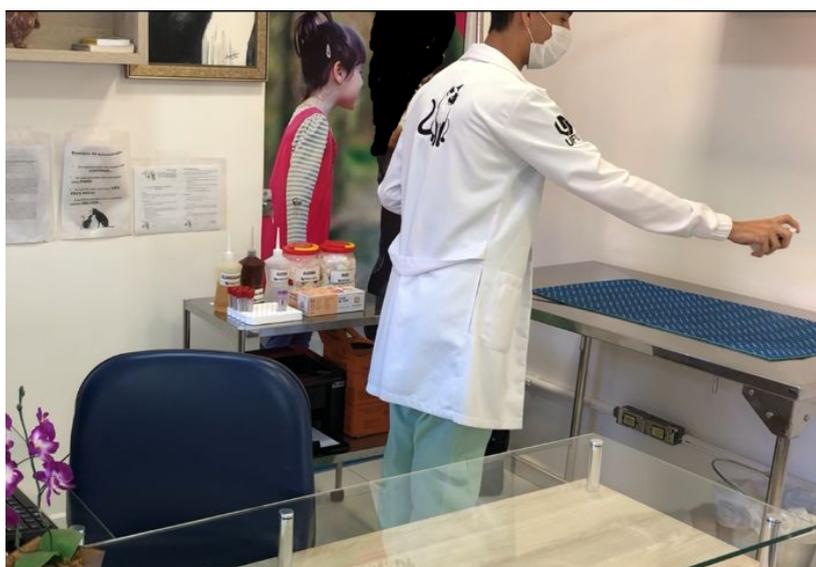


Figura 5: Mesa auxiliar com todos os equipamentos necessários para a consulta. Médico veterinário aspergindo algumas borrifadas de feromônio facial sintético felino 20 minutos antes da consulta. **Fonte:** o autor (2022).

Direcionado ao consultório, o gato deve ter controle do ambiente e da situação, pois é uma necessidade psicológica e biológica essencial para seu bem-estar (BUFFINGTON; BAIN, 2020). Enquanto o veterinário revisa o histórico clínico do paciente, o veterinário deve abrir a porta da caixa de transporte, para que o gato possa sair, cheirar e explorar a sala por conta própria (Figura 6) (RODAN; FOLGER, 2010). A remoção forçada do gato de dentro da caixa de transporte deve ser evitada ao máximo. O fornecimento de guloseimas, como reforço positivo fora da caixa, pode gerar estímulo para que o gato saia do transportador por conta própria (CARNEY et al., 2012).



Figura 6: Caixa de transporte com a abertura ideal, para que o gato consiga sair por conta própria e comece a explorar o ambiente. **Fonte:** o autor (2022).

O veterinário deve inspecionar comportamento, respiração e marcha do animal a certa distância, sem manter contato visual direto (SPARKES, 2013; VOGT et al., 2010), pois os felinos interpretam como um sinal de ameaça (BRUNT, 2016). Avaliar a personalidade e temperamento do gato, para adequar a abordagem ideal a ser realizada conforme as necessidades individuais (CARNEY et al., 2012; SCHMELTZER, 2012). O médico veterinário deve focar no manuseio suave, principalmente em animais jovens e idosos (MOFFAT, 2008). Uma abordagem apressada ou mais vigorosa pode gerar ansiedade e/ou dor no paciente, e resultar em exame físico ou tratamento incompletos (CARNEY et al., 2012).

O instinto de caça no felino é programado de maneira que é impossível eliminá-lo, então movimentos rápidos durante o manuseio podem ser suficientes para desencadear um ataque predatório ao tutor ou ao veterinário (CASEY; BRADSHAW, 2005). Portanto, entender a comunicação do gato permite avaliar por meio de posturas corporais e expressões faciais, o nível de medo e estresse que ele apresenta durante o exame (RODAN, 2016).

Se o gato estiver fugindo, o veterinário pode manter o indicador estendido para ele cheirar ou se esfregar, aumentando a confiança, uma vez que os gatos gostam de roçar em objetos protuberantes (RODAN; FOLGER, 2010). O veterinário deve evitar agarrar o gato para retirá-lo da caixa ou inclinar e sacudir o transportador (RODAN et al., 2011), isso pode assustar o gato e remover seu senso de controle (RODAN, 2010). Se o felino se mostra resistente em não sair da caixa de transporte voluntariamente, a opção é utilizar uma toalha para envolvê-lo

(RODAN et al., 2011) enquanto a metade superior (dorsal) do transportador é removida lentamente (RODAN, 2016).

A melhor abordagem é aquela que permite ao gato decidir a posição e local a ser examinado (RODAN, 2010). Nem sempre a mesa de exame é o lugar ideal ou escolhido. Alguns gatos não gostam de ser avaliados nesse local, pois muitos são punidos ao subirem nas mesas em ambientes domiciliares (RODAN; FOLGER, 2010). É bastante individual o local em que o gato se sente mais à vontade durante o exame físico, variando desde o colo do tutor, piso, mesa do veterinário (Figura 7), balança ou até mesmo dentro do próprio transportador (CARNEY et al., 2012).



Figura 7: Paciente felino super a vontade sendo avaliado em cima da mesa do médico veterinário. **Fonte:** o autor (2022).

O gato nunca deve ser estirado durante o exame físico, e sempre devem estar relaxados durante a consulta. O veterinário deve lembrar-se de nunca reagir de forma exagerada na contenção (CARNEY et al., 2012). Em termos de contenção amigável para gatos a regra do “menos é mais” é sempre válida de ser lembrada, ou seja, a mínima contenção é sempre a melhor (RODAN; FOLGER, 2010). Se o gato encontrar uma posição em que se sente confortável e confiante e for manipulado o mínimo possível, isso evitará grandemente comportamento de luta ou fuga para se proteger (RODAN, 2016). Outro fato interessante é que durante o exame, a maioria dos gatos prefere ficar de costas para o veterinário e de frente para seus tutores (Figura 8) (RODAN, 2010; RODAN et al., 2011).



Figura 8: Médico veterinário realizando o exame físico no felino, posicionado atrás do paciente e em frente ao tutor. **Fonte:** o autor (2022).

Ao contrário da crença comum, não se deve segurar o gato pela nuca, isso torna mais frequente a possibilidade de o gato ficar agitado e com medo. Apenas a mãe deve segurar os filhotes pequenos desta forma, pois elas controlam a força que deve ser aplicada para não apertar o filhote e machucá-lo (RODAN, 2016). A primeiro momento, as contenções parecem eficazes, mas em futuras consultas podem gerar dor e agressividade ao paciente, bem como lesões ao profissional e tutor.

Assim, em vez de segurá-lo pela nuca, muitos gatos gostam de ser massageados entre os olhos, na região cranial por trás da orelha e sob o queixo (RODAN, 2010; RODAN et al., 2011). Essa massagem pode distrair o gato e também acalmá-lo. A acupressão é outra técnica que pode ser realizada para acalmar o gato, e consiste na utilização dos três dedos do meio para massagear lentamente a parte superior da cabeça, e o primeiro e quinto dedo são usados para controlar a cabeça do gato (RODAN, 2010; RODAN, 2016).

O exame deve ser realizado começando pelas partes menos estressantes e na posição que o gato escolher (RODAN et al., 2011), deixando as áreas em que ele não gosta de serem tocadas por último. Comportamentos desejados não devem ser ignorados ou redirecionados, em vez disso, sempre recompensar com um reforço positivo (RODAN; FOLGER, 2010). Deve ser

anotado no prontuário, quais manuseios funcionam melhor no paciente para futuras consultas veterinárias como forma de redução do estresse para todos (RODAN, 2016).

A toalha pode ser uma grande aliada na contenção dos felinos. É versátil e permite uma série de manobras dependendo de como for empregada. Uma de suas utilizações mais famosa é o “método do burrito” (porque se assemelha à maneira de preparar esse prato da culinária mexicana), onde o gato é envolto pela toalha e tem suas mãos e braços contidos após uma sequência de manobras, evitando arranhões, possibilitando a avaliação da região craniana e cavidade oral com segurança, tanto para o gato quanto para o manuseador (Figura 8) (RODAN et al., 2011; RODAN; FOLGER, 2010).

O burrito também é útil para administração de medicações orais, injetáveis e coleta de sangue nos membros pélvicos. A toalha também pode ser usada para cobrir a cabeça do gato para eliminar estímulos visuais e minimizar excitações que possam induzir o estresse ou ansiedade (MOFFAT, 2008), assim como isolar alguma região do corpo do gato a fim de facilitar o acesso a certas regiões.



Figura 9: Método do "burrito" para conter o paciente durante a consulta, garantindo segurança e conforto ao animal. **Fonte:** o autor (2022).

Outra opção para bloquear estímulos visuais, é através do uso de focinheiras específicas para felinos (não utilizar focinheiras caninas) (RODAN, 2016). Não é aconselhável esforços de contenção prolongados, por mais de 2 segundos ou repetidos. Se o gato se mostrar relutante, a posição deve ser alterada e, conforme necessário, empregada sedação ou anestesia. A analgesia é recomendada sempre que o gato apresentar dor (BRUNT, 2016).

O veterinário ao tentar acalmar o gato, deve evitar punições, pois inibem o aprendizado e aumentam a ansiedade (AAFP, 2011; RODAN; FOLGER, 2010), assim como barulhos feitos com a boca (p.ex., “*Shhh*”), por se assemelhar com o ruído que os gatos emitem quando estão agressivos e estressados (RODAN, 2016; VOGT et al., 2010). Pela alta sensibilidade olfativa do gato, a limpeza da sala e a boa ventilação são fundamentais para o controle de odores (NORSWORTHY; SCHMELTZER, 2012; CANNON et al., 2016), e o uso de difusor de feromônios pode trazer uma vantagem adicional na redução de estresse durante o exame (PEREIRA et al., 2016).

2.7 Hospitalização

Sempre que possível, a internação deve ser evitada. Por se tratar de um ambiente que não é familiar e longe de casa, provoca a diminuição do controle do gato, podendo gerar medo e estresse (RODAN, 2016). Muito frequentemente, gatos hospitalizados se retraem e ficam inativos.

Esse estresse no hospital/clínica pode inibir comportamentos normais, que incluem alimentação, autocuidado, sono, brincadeiras e eliminação de dejetos, o que pode retardar a sua recuperação (LLOYD, 2017). Pode ser especialmente estressante para gatos idosos, geriátricos e para todos aqueles que não foram bem socializados no período de 2 a 9 semanas (RODAN, 2016; UETAKE et al., 2013).

O ambiente de preferência, deve ser exclusivo para os felinos para o conforto e bem-estar dos pacientes. Mas independente se a ala de internação é separada por espécie, um ambiente calmo e tranquilo é necessário, evitando barulhos de objetos metálicos batendo, vozes altas, barulho de cães e de outros gatos, sempre que possível (ENDERSBY, 2018). Gatos barulhentos que miam e sibilam muito alto possuem indicação de isolamento (RODAN, 2016).

Os gatos preferem receber cuidados de pessoas conhecidas, por essa razão, a pessoa responsável por manejar o gato nos procedimentos hospitalares deve ser sempre a mesma (CARNEY et al., 2012; LOWE; BRADSHAW, 2002). Quando presos, os felinos mostram sinais de estresse se a rotina do cuidador é imprevisível. As horas regulares de manejo, incluindo alimentação, limpeza da gaiola, checagem diária e visita de um familiar, são menos estressantes para os pacientes felinos (STELLA; CRONEY; BUFFINGTON, 2014). Feromônio

sintético em difusor pode ser utilizado (plugado na tomada) no ambiente de hospitalização, na tentativa de tranquilizar os pacientes (LLOYD, 2017).

2.7.1 Gaiolas

As gaiolas devem ser seguras e feitas de um material de fácil limpeza e desinfecção (ENDERSBY, 2018). As gaiolas devem possuir o tamanho suficiente que permita a movimentação do gato (RODAN, 2016) de maneira que a roupa de cama, pote de comida/ água e caixa de areia se mantenham o mais afastados possível entre si.

É importante fornecer ao gato um local que possa ser usado como esconderijo, para proporcionar segurança e redução do estresse da internação, pois como estratégia de sobrevivência os gatos ansiosos e medrosos tendem a se esconder (LLOYD, 2017). Esses locais podem ser simples, como sacolas de papel, caixas de papelão, cobertores e/ou toalhas (CARNEY et al., 2012).

Alternativamente, uma barreira sólida pode ser usada para isolar o campo de visão de dois gatos vizinhos hospitalizados (CARNEY et al., 2012) e também evitar a propagação de agentes infectantes por aerossóis, como os transmitidos por espirros por exemplo (ENDERSBY, 2018). Aspergir feromônio sintético facial, 20 minutos antes de colocar o gato na gaiola de internação ajuda a acalmá-lo e aumentar a ingestão de alimento e a rotina de autocuidados (PEREIRA et al., 2016).

As travas das portas, na grande maioria das vezes, são construídas de metal, e geram muito barulho quando a porta da gaiola é aberta ou fechada. Pode ser adicionada uma tampa de plástico para permitir que o fechamento e abertura da gaiola não gerem barulhos, diminuindo os transtornos auditivos aos gatos hospitalizados (ENDERSBY, 2018).

Devem ser providenciadas roupas de cama para o gato descansar confortavelmente, como cobertores ou toalhas enroladas em círculo, de preferência que possuam cheiro familiar (trazidas pelos próprios tutores) (RODAN, 2016), com a finalidade adicional de manter o calor corporal do gato estável. Brinquedos e objetos favoritos devem acompanhar o gato na internação e a roupa de cama deve ser trocada somente quando realmente estiver suja (CARNEY et al., 2012).

Retirar o gato da gaiola pode ser extremamente difícil e introduzir a mão dentro da gaiola para agarrar o gato é contraprodutivo. Nessa situação, o veterinário deve ficar na lateral da gaiola e não a sua frente, assim o gato deve ser incentivado delicadamente a entrar ou se aproximar da saída da gaiola por conta própria (RODAN et al., 2011).

Pelo fato do gato ter evoluído no deserto, é benéfico estabelecer o microclima de cada gaiola, de acordo com cada paciente. Pacientes doentes, geriátricos, sedados ou pediátricos requerem uma temperatura ambiente mais elevada (CARNEY et al., 2012), em torno de 26°, a qual é mais elevada que a zona de conforto térmico do humano, que é em torno de 21° (BRUNT, 2016). Gaiolas de vidro ajudam na manutenção da temperatura, além de serem mais eficazes na diminuição da condução de som, tornando-as mais silenciosas em relação às gaiolas de aço (RODAN et al., 2011).

Para gatos receptivos, a interação por meio de brincadeiras pode melhorar seu bem-estar e até acelerar a sua recuperação (CARNEY et al., 2012). Os gatos gostam de se esticarem e se movimentarem livremente, por isso não gostam de nada que os aperte. Quando for necessário o uso do colar elizabetano, este deve ser feito de um material macio, evitando usar aqueles feitos de plástico duro. Em casos de curativos, bandagens elásticas, adesivas e até meias tubulares são mais toleradas pelos felinos do que gazes e esparadrapos.

Pelo comportamento de marcação territorial, os gatos exibem o comportamento de fricção facial em roupas de cama, caixas e também nas gaiolas e portas, portanto deve ser evitada a limpeza desses locais marcados na gaiola durante a permanência do gato no ambiente (CARNEY et al., 2012; NORSWORTHY; SCHMELTZER 2012).

2.7.2 Alimentação na internação

O gato deve ser alimentado, sempre que indicado e possível, pelo alimento que está acostumado. De preferência que o tutor traga de casa a comida preferida do gato durante sua visita, estabelecendo assim uma rotina alimentar ao felino, principalmente em casos que o gato se mostre com medo e ansioso (RODAN et al., 2011). O pote de comida ideal deve ser plano, auxiliando na acessibilidade da comida para o gato (CARNEY et al., 2012), sendo a prioridade, potes de cerâmica e evitar materiais de plástico, por esses reterem uma quantidade maior de

odores (ENDERSBY, 2018). A comida deve ser aquecida, podendo ser adicionado um caldo de galinha ou de atum para aumentar a palatabilidade do alimento (quando possível diante da doença apresentada pelo animal).

O alimento deve ser fornecido apenas quando necessário em pequenas quantidades e sempre fresco. Quando o animal apresenta aversão alimentar, o pote com o alimento não deve ser mantido o tempo todo na gaiola (CARNEY et al., 2012). Se o gato se recusar a se alimentar, apresentando um quadro de inapetência, a intervenção farmacológica por um curto período (máximo 24-48 horas) pode ser uma opção (por exemplo, estimulantes de apetite) (CHAN, 2009).

Mas quando essas estratégias falham, o tubo de alimentação pode ser bastante útil na prevenção do desenvolvimento da lipidose hepática, que é a doença hepatobiliar mais comum em gatos, caracterizado pelo acúmulo de triglicerídeos nos hepatócitos, decorrente de períodos de anorexia vivenciados pelos gatos (VALTOLINA; FAVIER, 2017).

2.8 Volta para a casa

Na maioria das situações, o gato não apresenta dificuldade de voltar para casa. Porém existem possibilidades de o gato ficar muito agitado ou os gatos da moradia não aceitarem o animal novamente. Um gato agitado pode permanecer reativo algumas horas ou dias, sendo importante esclarecer ao tutor do que está acontecendo, e até o momento do gato se acalmar, não deve ser manuseado em casa, de modo que seus comportamentos agitados devem ser ignorados para não reforçar ou intensificá-los (RODAN et al., 2011).

O gato que volta para casa pode carregar materiais estranhos como curativos e cheiros estranhos, e os outros gatos que residem na mesma moradia podem não aceitá-lo ou mesmo, atacá-lo. É importante para a reintrodução desse gato, que o tutor o mantenha na caixa de transporte por algumas horas até que todos os gatos se acalmem. Se a agitação persistir, o dono da casa pode tentar esfregar uma toalha nos gatos que ficaram na moradia, em seguida, esfregar a mesma toalha no gato que está sendo reintroduzido, a fim de transformar familiar o odor “estranho” (técnica conhecida como “toalha amiga”).

Em raros casos, o gato deve passar pelo procedimento gradativo de introdução, como é feito para um novo integrante (RODAN, 2016). A introdução de um novo gato pode requerer

períodos que variam de semanas a meses. O gato a ser introduzido pode ser mantido em um cômodo separado, com alimentos, brinquedos, caixas de areia, arranhadores e esconderijos para se adaptar ao novo ambiente. O aroma deve ser trocado entre os gatos por meio de objetos como toalhas e brinquedos, para reconstituir o “odor em colônia”. Contatos visuais iniciais breves podem ser realizados com o gato recém-chegado dentro da gaiola, e guloseimas devem ser sempre ofertadas para recompensar comportamentos amigáveis (Figura 9) (ROCHLITZ, 2010).



Figura 10: Felino recém-chegado de uma consulta, mantido dentro da caixa de transporte e comunicando com o outro felino apenas pelo olfato. **Fonte:** o autor (2022).

Uma maneira para prevenir problemas sérios com a volta para casa é levar dois gatos ao veterinário ao mesmo tempo seguindo rigorosamente as recomendações das práticas *cat friendly*, mesmo se apenas um deles tiver consulta agendada (RODAN, 2016).

3 METODOLOGIA

No presente estudo, foi realizada uma revisão de literatura, levantando os principais pontos sobre *Conduitas Cat Friendly* em um ambiente hospitalar – desde a recepção à internação, (banco de dados PubMed, Portal de Periódicos CAPES e ResearchGate), e a confecção de vídeos didáticos para tutores e médicos veterinários, seguindo os padrões do programa *Cat Friendly Practices*, estabelecido pela *American Association of Feline Practitioners* (AAFP) e *International Society of Feline Medicine* (ISFM), no ano de 2022.

3.1 Local

As videografias foram gravadas na cidade de Uberlândia, sendo uma parte na casa do próprio autor e outra parte no Hospital Veterinário - UFU, campus Umuarama, em dias alternados no mês de junho de 2022.

Os locais para a gravação da recepção e consultório ideal, foram cômodos do próprio Hospital Veterinário da UFU, com algumas modificações para seguir as normas instituídas pelo programa *Cat Friendly Practices*.

3.2 Animais

Os animais modelos utilizados no vídeo são gatos próprios, sendo utilizados no total 5 felinos. Não houve diferença de sexo e idade, sendo utilizados animais fêmeas (F) e machos (M), de 1 a 5 anos de idade

3.3 Materiais

As imagens foram gravadas com celular (modelo Iphone X, 2017). Como suporte de iluminação das videografias, foram utilizadas duas luzes LED brancas.

3.4 Edição

Os vídeos foram editados no aplicativo Inshot®, versão IOS 14.3.

4 RESULTADOS

O vídeo contendo as orientações do programa *Cat Friendly Practices* foi postado na plataforma Youtube, para tutores, estudantes e Médicos Veterinários terem acesso ao conteúdo. Ainda, os vídeos serão divulgados no instagram oficial do Hospital Veterinário - UFU.

Além disso, serão disponibilizados alguns QR code no Hospital Veterinário - UFU para que os tutores consigam escanear e acessar os vídeos no próprio celular, para se instruírem melhor quanto ao manuseio amigável, bem como todos os cuidados a serem tomados para a ida ao veterinário e também a volta do mesmo para sua residência.

5 CONCLUSÃO

O repasse da real informação aos tutores e médicos veterinários é imprescindível para o sucesso em uma consulta veterinária, tornando um ambiente agradável ao felino e ao tutor. mostrando formas ideais de manejar o gato antes, durante e após a consulta, respeitando primeiramente o bem-estar do paciente. A formação de uma equipe veterinária treinada e capacitada faz toda diferença em um atendimento, uma vez que, esses são responsáveis por comandar toda a conduta ao paciente felino, fornecendo todo cuidado necessário ao gato, sem gerar estresse e medo

REFERÊNCIAS

- AAFP. Feline Behavior Guidelines. **American Association of Feline Practitioners**, p. 6–43, 2004.
- AAFP. Getting your cat to the veterinarian. **Journal of feline medicine and surgery**, v. 13, n. 9, p. 681–682, 2011.
- AMAT, M.; CAMPS, T.; MANTECA, X. Stress in owned cats: behavioural changes and welfare implications. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 18, n. 8, p. 577–586, 2016.
- ATKINSON, T. **Practical Feline Behaviour: Understanding Cat Behaviour and Improving Welfare**. 4. ed. Boston: Cabi, 2018.
- BEAVER, B. V. Fractious cats and feline aggression. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 6, n. 1, p. 13–18, 2004.
- BEAVER, B. V. **Feline Behavior: A Guide for Veterinarians**. 2. ed. St. Louis: Elsevier, 2003.
- BERNSTEIN, P. L. The Human-Cat Relationship. *In*: ROCHLITZ, I. (Ed.). **The Welfare of Cats**. Canton: Springer, 2005. p. 47–89.
- BRADSHAW, J. W. S. Normal feline behaviour: ... and why problem behaviours develop. **Journal of Feline Medicine and Surger**, v. 20, n. 5, p. 411–421, 2018.
- BRADSHAW, J. W. S. et al. Food selection by the domestic cat, an obligate carnivore. **Comparative Biochemistry and Physiology - A Physiology**, v. 114, n. 3, p. 205–209, 1996.
- BRADSHAW, J.W.S.;CASEY, R. A; BROWN, S.L **The Behaviour of the Domestic Cat**. 2. ed. Wallingford: Cabi, 2012.
- BRUNT, J. E. Abordagem Amistosa no Atendimento a Gato. *In*: LITTLE, S. E. **O Gato - Medicina Interna**. 1. ed. Rio de Janeiro: ROCA, 2016. p. 26 - 33.
- BRUNT, J. E. The Cat-Friendly Practice. *In*: LITTLE, S. E. **The Cat: Clinical Medicine Management**. Riverport Lane/St. Louis: Elsevier, 2012. p. 20-25.

BUFFINGTON, C. A. T.; BAIN, M. Stress and Feline Health. **Veterinary Clinics of North America - Small Animal Practice**, v. 50, n. 4, p. 653–662, 2020.

CANNON, MARTHA; RODAN, I.; The Cat in the Veterinary Practice. *In*: LEY, S.; RODAN, ILONA. **Feline Behavioral Wealth and Welfare**. 1. ed. Riverport Lane/St. Louis: Elsevier, 2016. p. 102-111.

CARNEY, H. C. et al. AAFP and ISFM Feline-Friendly Nursing Care Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 14, n. 5, p. 337–349, 2012.

CASEY, R. A.; BRADSHAW, J. W. S. The Assessment of Welfare. *In*: ROCHLITZ, I. (Ed.). **The Welfare of Cats**. Canton: Springer, 2005. p. 23–47.

CASE, L. P. **Canine and Feline Behavior and Training**. Nova York: Delmar, 2010.

CAT FRIENDLY HOMES. **Cat Friendly Practice®**. 2020. Disponível em <
<https://catfriendly.com/keep-your-cat-healthy/cat-friendly-practice/> > . Acessado em: 10 de novembro de 2020

CHAN, D. The inappetent hospitalised - Clinical approach to maximising nutritional support. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v.11, p. 925-933, 2009.

CROWELL-DAVIS, S. L. Cat behavior: Social organization, Communication and Developmente. *In*: ROCHLITZ, I. (Ed.). **The Welfare of Cats**. Canton: Springer, 2005. p. 1–23.

CROWELL-DAVIS, S. L.; CURTIS, T. M.; KNOWLES, R. J. Social organization in the cat: A modern understanding. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 6, n. 1, p. 19–28, 2004.

DE RIVERA, C. et al. Development of a laboratory model to assess fear and anxiety in cats. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 19, n. 6, p. 586–593, 2017.

ENDERSBY, S. Setting up a cat friendly clinic. **The Veterinary Nurse**, v. 9, n. 6, p. 284–293, 2018.

FRASER, A. **Feline Behavior and Welfare**. Wallingford: Cabi, 2012.

- GRIFFIN, F. C. et al. Evaluation of clinical examination location on stress in cats: a randomized crossover trial. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, 2020.
- GRUEN, M. E. et al. Conditioning laboratory cats to handling and transport. **Lab Animal**, v. 42, n. 10, p. 385–389, 2013.
- HORWITZ, D. F.; RODAN, I. Behavioral awareness in the feline consultation: Understanding physical and emotional health. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 20, n. 5, p. 423–436, 2018.
- HORWITZ, D. F. Common feline problem behaviors: Urine spraying. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 21, n. 3, p. 209–219, 2019.
- LANDSBERG, G.; LEY, J. M. Desenvolvimento do Filhote. *In*: LITTLE. S. E. **O Gato - Medicina Interna**. 1. ed. Rio de Janeiro: ROCA, 2016. p. 244-255.
- LEY, J. M.; SEKSEL, K. Comportamento Normal de Gatos. *In*: LITTLE. S. E. **O Gato - Medicina Interna**. 1. ed. Rio de Janeiro: ROCA, 2016. p. 256-264.
- LLOYD, J. K. F. Minimising stress for patients in the veterinary hospital: Why it is important and what can be done about it. **Veterinary Sciences**, v. 4, n. 2, 2017.
- LOWE, S. E.; BRADSHAW, J. W. S. Responses of pet cats to being held by an unfamiliar person, from weaning to three years of age. **Anthrozoos**, v. 15, n. 1, p. 69–79, 2002.
- MOFFAT, K. Addressing Canine and Feline Aggression in the Veterinary Clinic. **Veterinary Clinics of North America - Small Animal Practice**, v. 38, n. 5, p. 983–1003, 2008.
- PEREIRA, G. et al. Comparison of interpretation of cat's behavioral needs between veterinarians, veterinary nurses, and cat owners. **Journal of Veterinary Behavior: Clinical Applications and Research**, v. 9, n. 6, p. 324–328, 2014.
- PEREIRA, J. S. et al. Improving the feline veterinary consultation: the usefulness of Feliway spray in reducing cats' stress. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 18, n. 12, p. 959–964, 2016.

QUIMBY, J. M.; SMITH, M. L.; LUNN, K. F. Evaluation of the effects of hospital visit stress on physiologic parameters in the cat. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 13, n. 10, p. 733–737, 2011.

ROCHLITZ, I. Basic requirements for good behavioural health and welfare in cats. *In*: HORWIT, F. D.; MILLS S. D. **BSAVA Manual of Canine and Feline Behavioural Medicine**. 2. ed. Quedgeley: BSAVA, 2010. p. 35-49

RODAN, I. Understanding Feline Behavior and Application for Appropriate Handling and Management. **Topics in Companion Animal Medicine**, v. 25, n. 4, p. 178–188, 2010.

RODAN, I. Understanding the Cat and Feline-Friendly Handling. *In*: LITTLE, S. E. **The Cat: Clinical Medicine Management**. Riverport Lane/St. Louis, Missouri: Elsevier, 2012. p. 02-18.

RODAN, I. et al. AAFP and ISFM Feline-Friendly Handling Guidelines. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 13, n. 5, p. 364–375, 2011.

RODAN, I. Compreensão e Manuseio Amigoso dos Gatos. *In*: LITTLE, S. E. **O Gato - Medicina Interna**. 1. ed. Rio de Janeiro: ROCA, 2016. p. 01-25.

RODAN, I.; FOLGER, B. Respectful handling of cats to prevent fear and pain. **Journal of Feline Medicine & Surgery**. p. 569–573, 2010.

SCHMELTZER, L.E. Restraint. *In*: NORSWORTHY, GARY D; SCHMELTZER, LINDA E. **Nursing the Feline Patient**. New Jersey: ROCA, 2012. p. 07-11.

SCHMELTZER, L.E; NORSWORTHY, G. D. Environmental Enrichment in the hospital. *In*: NORSWORTHY, GARY D; SCHMELTZER, LINDA E. **Nursing the Feline Patient**. New Jersey: ROCA, 2012. p. 12-17.

SPARKES, A. Developing cat-friendly clinics. **In Practice**, v. 35, n. 4, p. 212–215, 2013.

SPARKES, A.; MANLEY, D. S. From small acorns & the new Cat Friendly Clinic/Cat Friendly Practice programmes. **Journal of Feline Medicine and Surgery**, v. 14, n. 3, p. 180–181, 2012.

STELLA, J.; CRONEY, C.; BUFFINGTON, T. Environmental factors that affect the behavior

and welfare of domestic cats (*Felis silvestris catus*) housed in cages. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 160, n. 1, p. 94–105, 2014.

UETAKE, K. et al. Effects of single caging and cage size on behavior and stress level of domestic neutered cats housed in an animal shelter. **Animal Science Journal**, v. 84, n. 3, p. 272–274, 2013.

VALTOLINA, C.; FAVIER, R. P. Feline Hepatic Lipidosis. **Veterinary Clinics of North America - Small Animal Practice**, v. 47, n. 3, p. 683–702, 2017.

VITALE SHREVE, K. R.; MEHRKAM, L. R.; UDELL, M. A. R. Social interaction, food, scent or toys? A formal assessment of domestic pet and shelter cat (*Felis silvestris catus*) preferences. **Behavioural Processes**, v. 141, p. 322–328, 2017.

VOGT, H. A. et al. AAFP - AAHA Feline Life Stage Guidelines. **Journal of Feline Medicine & Surgery**, v. 12, p. 43–54, 2010.

YEON, S. C.; AHMED, S.; HOUPPT, K. A. Feline vocal communication. **Journal of Veterinary Science**. v. 21, n. 1, p. 01–17, 2020.